

editorial

Ouvimos por toda a parte os apelos à paz. Esse é o desejo de todos os povos hoje diante dos atentados terroristas em Nova York.. Porém, não é a paz imposta por vontade do complexo industrial militar americano, veiculada na versão patrioteira e nacionalista do império pelos meios de comunicação. Os responsáveis pelos atentados devem ser julgados e punidos. Não queremos novas ações de guerra.

Lembremos que nos anos 80 os EUA forneceram armas e recursos para o Taleban e Saddam Hussein, dando fôlego aos fundamentalistas.

A lógica belicista capitalista tem sido insensível aos enormes contingentes de palestinos, árabes, africanos, bósnios, indígenas latino americanos etc, massacrados cotidianamente pelas guerras e pela ordem econômica neoliberal.

Preocupa-nos os riscos de crescimento da intolerância em toda parte, alimentada pelos diversos fundamentalismos, inclusive os de mercado.

Queremos uma nova ordem mundial que generalize a paz para todos, sem opressão e exploração de mulheres e homens. É necessário repensar a paz sob novas bases, pois, um mundo sem justiça social não garante paz duradoura para a humanidade.

SOF



Mulher "aprendendo" sobre o ar.

Relações de gênero em livros didáticos

por Maria Otilia Bocchini*

Em 2000, o Ministério de Educação e Cultura comprou cerca de 100 milhões de livros didáticos para distribuir nas escolas públicas. Esses livros destinam-se quase exclusivamente às crianças pobres, que são seis de cada dez estudantes de 1ª a 8ª séries.

As políticas econômicas do governo criam pobreza e injustiça. O governo responde a isso pela cartilha do Banco Mundial e do FMI, promovendo políticas compensatórias, entre as quais a doação de livros escolares.

Com o aumento da pobreza, as compras de livros escolares foram aumentando ano a ano. Em 1988, o governo comprou 30 milhões de livros e em 2000 o governo comprou mais de 100 milhões de livros, com gastos em torno de 300 milhões de reais.

Esse é um negócio muito interessante para as editoras, porque se compra em quantidades fabulosas e se paga em dia. As editoras tratam de fazer os livros do jeitinho que o governo quer, para poder vender mais. É por isso que os

livros são tão parecidos, mesmo sendo de editoras diferentes.

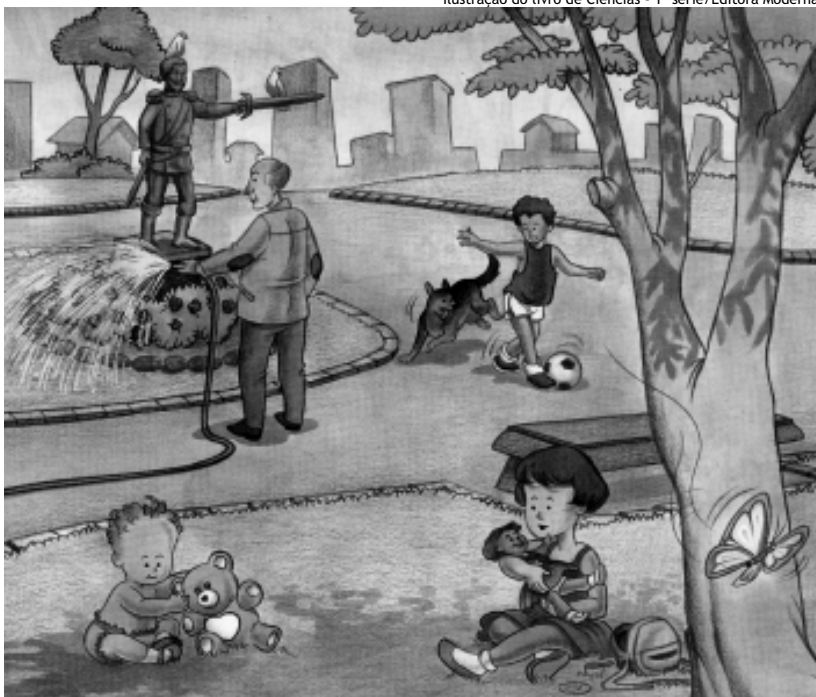
Por falta de controle social, os livros deixam muitíssimo a desejar. Há problemas de conteúdos, de proposta pedagógica e de graves preconceitos contra mulheres, pessoas de cor-etnia não branca e classe trabalhadora.

Importância dos livros didáticos como meio de comunicação

Como meio de comunicação, o livro didático tem muito peso, pois centram-se nele boa parte das atividades de ensino-aprendizagem. Na maioria das escolas, a criança tem muito tempo de contato com o livro didático, em sala de aula e em casa, para fazer lição. Além disso, a maioria das pessoas pensa que o

continuação da capa

Ilustração do livro de Ciências - 1ª série/Editora Moderna



“Lugar de mulher”, figura da menina com boneca.

livro escolar é portador da verdade. Quase sempre, nem estudantes nem professores se atrevem a contestar o que está escrito no livro, o que o livro mostra. É mais fácil duvidar de uma revista ou de um jornal, do que duvidar do que diz o livro didático.

Apresentando mulheres, pessoas negras e indígenas em situação de inferioridade, o livro didático pode ajudar a fixar preconceitos e discriminação. São assim muitos dos livros didáticos que o governo compra e empurra para cima de professoras, mães e pais, como produtos de boa qualidade, que ajudariam a educar bem as crianças.

Representação de mulheres e homens nos livros didáticos

As mulheres são metade da população do Brasil. Então, seria de esperar que elas fossem a metade das figuras humanas que aparecem nos livros didáticos, tanto em número quanto em importância. Mas não é isso que acontece, nem de longe.

Em pesquisa realizada nos anos 1980, as mulheres eram apenas dezoito de cada cem figuras humanas que apareciam nos livros didáticos. Quase vinte anos depois, isso pouco mudou. Nos livros didáticos de primeira a quarta séries aprovados pelos Guias de Livros Didáticos do governo federal, há um quadro inaceitável de preconceito contra as mulheres.

Vamos ver, por exemplo, os quatro livros da coleção Descobrimo o Ambiente, a que obteve melhor classificação entre os livros de Ciências no Guia de 1998. Nesses livros, as personagens femininas não são sequer 30% das figuras humanas presentes nas ilustrações. Se as mulheres são a metade da população, a sub-representação quantitativa de 30% por si já expressa discriminação.

O preconceito expressa-se também pela exclusão pura e simples. Por exemplo, não há uma só menina negra representada nessa coleção de livros de ciências considerada boa pelo governo. O que pensará de si mesma uma menina

negra que nunca verá uma pessoa igual a ela nas atividades de ciências de seus livros, da primeira à quarta série?

Para os didáticos, ciência é coisa de menino

Outro aspecto insidioso do preconceito sexista dos livros didáticos está nos estereótipos de subalternidade para personagens femininas e uma imagem de que seriam incompetentes para a ciência. Além de serem maioria nas figuras, os meninos aparecem lendo livros especializados, fazendo experiências, usando instrumentos e aparelhos, como binóculos e microscópios. Enquanto o menino usa o binóculo para observar pássaros com objetividade e postura científica, meninas sem binóculo apenas se distraem com o vôo ondulado de borboletinhas que enfeitam o cenário. Meninas também são representadas ajudando o menino protagonista, estendendo a ele os objetos necessários para a experiência ou anotando resultados.

Hoje em dia, as mulheres são quase a metade da força de trabalho e praticamente não há campo profissional em que elas não estejam. Nesse aspecto, os livros didáticos estão com um século de atraso. Continuam representando as mulheres adultas quase sempre em papéis de mães e professoras. Os homens, sempre em maioria numérica e em destaque no desenho, aparecem em profissões variadas, em posições de importância social.

Com nosso dinheiro e arrotando qualidade, o governo compra livros que apenas repetem os chavões mais conservadores e agressivos contra as mulheres e meninas, especialmente as de cor-etnia negra. Cabe ao campo progressista a resposta a mais este descalabro.

* A autora é profa. da Escola de Comunicações e Artes da USP e editora do Boletim Mulher e Saúde da SOF.

Gênero e Serviço Social: uma aproximação recente

por Sheila Backx*

O Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais (CBAS) realiza-se a cada três anos e é o maior evento nacional da categoria, a qual reúne hoje cerca de 57.000 profissionais em todo o Brasil, sendo que 60% localizam-se na região Sudeste. O CBAS é resultado do trabalho conjunto das seguintes entidades da categoria: Conselho Federal de Serviço Social, Conselho Regional de Serviço Social – Rio de Janeiro, Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa de Serviço Social e Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social.

Entre 8 e 12 de outubro próximo, cerca de 4.000 profissionais estarão no Rio de Janeiro (UERJ), participando do 10º CBAS, cujo tema central é **Trabalho, Direitos e Democracia**, que expressa o compromisso ético e político da categoria na busca de alternativas de reversão do atual quadro da sociedade brasileira. O CBAS é um momento privilegiado para realizar um balanço do “estado das artes” do Serviço Social no Brasil, pois sua formatação prevê a realização de Conferências, Mesas Redondas, Plenárias Simultâneas e Sessões Temáticas, nas quais serão apresentados trabalhos que relatam experiências institucionais relevantes e resultados de pesquisas em curso nas universidades.

Potencial para abordagem de gênero

As(os) assistentes sociais estão inseridas(os) em políticas públicas de proteção social – a exemplo da saúde, previdência social, assistência social, infância e juventude, idosos, judiciário e outros – e privadas, com atuação em empresas, organizações não governamentais e instituições filantrópicas. A intervenção na área social exige um olhar rico, que consiga desvelar situações complexas que envolvem destinos humanos individuais e coletivos que merecem uma abordagem de gênero. Portanto, o exercício dessa profissão requer competência teórica, técnica e política.



Vale chamar atenção para uma característica histórica da profissão: compõe-se majoritariamente de mulheres (cerca de 95% da categoria). Associada pelo senso comum à ajuda e ao cuidado no espaço privado, tem, no entanto, alterado este quadro, justamente pelo esforço das entidades e unidades de ensino em desfazer esta mistificação. Na verdade, nada mais público do que ser assistente social: gerir programas sociais multifacetados, conhecer a legislação social, elaborar projetos, compor equipes multidisciplinares com outros profissionais, lidar com relações e diferentes recursos institucionais, dentre outras atribuições, desenvolvendo ações técnicas repletas de sentido ético, político e público.

Apesar dessa característica, só muito recentemente o Serviço Social vêm produzindo trabalhos voltados para o pensar as marcas do gênero na sua constituição como profissão, bem como no seu exercício profissional.

Em se considerando que há pouco mais de uma década as raras produções existentes – provenientes de grupos de pesquisas bastante localizados regionalmente – ainda tratavam a questão a partir

da ótica dos estudos sobre a mulher, podemos avaliar como a questão – ainda em patamares diferenciados de aprofundamento teórico – vem ganhando visibilidade no âmbito da categoria. Afinal, a observação dos títulos das 548 comunicações orais aprovadas, revelam que quase 10% remetem direta ou indiretamente à questão e que todas as regiões do país hoje partilham dessa preocupação, a partir de diferentes inserções: trabalho, elaboração e avaliação de políticas públicas em diversas áreas, direitos humanos, constituição de sujeitos políticos, formação e trajetória profissional, dentre outras.

Esses trabalhos demonstram, de um lado, o esforço de discentes, profissionais e docentes (tanto de graduação como de pós-graduação) pensar de forma articulada e fundamentada a formação e o trabalho profissional, e, ainda as questões cruciais que envolvem a luta cotidiana pela defesa, ampliação e garantia da democracia nas quais a luta pela transformação das relações de gênero jogam um papel fundamental; e, de outro, demonstram o avanço da produção do Serviço Social na interlocução com outros campos de conhecimento.

Quem quer ser Bridget Jones?

Maria Alzira Brum Lemos*

O filme “O Diário de Bridget Jones”, adaptação do *best seller* da britânica Helen Fielding dirigido por Sharon Maguire, parece ser mais uma historinha banal e descartável, destinada a fazer rir sem grandes pretensões.

Bridget é uma mulher de trinta anos, solteira e independente financeiramente que mora sozinha em Londres. Pressionada pelos pais, pelos amigos e por sua própria carência a arrumar um homem que “dê sentido” a sua existência, dedica-se a anotar suas aspirações num diário: perder peso, parar de fumar, beber menos, não falar tanto e, sobretudo, conseguir um homem.

Frágil, emotiva, impulsiva, destrambelhada, infantil, ingênua, neurótica, dependente de um homem para ser alguém, Bridget Jones parece saída diretamente das teorias de alguns pseudo-cientistas do século XIX. Segundo estes, as mulheres, com “cérebros pequenos e estrutura delicadas”, seriam inferiores aos homens, de quem necessitavam para que as tutelassem.

Tais teorias, infelizmente, não morreram. Hollywood e seus congêneres se encarregam de incuti-las por meio da sofisticação audiovisual e de mensagens “inocentes”.



Não há inocência na indústria do entretenimento. “O Diário de Bridget Jones” é uma versão moderninha dos romances cor-de-rosa que acorrentaram nossas avós à ficção açucarada do amor romântico sob o qual se escondiam sofrimento, humilhação, violência e submissão.

Se é assim, de que rimos em “O Diário de Bridget Jones”?

Rimos de nós mesmas. Mas até que isto pode ser usado a nosso favor. Aproveitando o distanciamento que o riso proporciona, podemos aproveitar para refletir e dar um basta à estupidez imposta pela mídia. Afinal, quem quer ser Bridget Jones?

*Maria Alzira Brum Lemos é Jornalista, Doutora e Pesquisadora em Comunicação.

o que rola

Repúdio ao sexismo de Gabeira

Ficamos indignadas com o artigo “*Caminhos Nordestinos do turismo sexual*” do deputado Fernando Gabeira publicado na Folha de São Paulo (03/09/2001). Nesse artigo, Gabeira defende deixar de lado o moralismo e regulamentar o turismo sexual como fonte de divisas, transformando-o em política pública! Essas e tantas outras idéias preconceituosas e estereotipadas sobre a sexualidade e a cultura nacional, calcadas na mercantilização do corpo das mulheres, mereceram vários artigos de repúdio. Em resposta às críticas, Gabeira saiu pela tangente dizendo-se defensor das prostitutas e travestis. Como se as feministas não fossem solidárias às violências de que são vítimas esses grupos.

Veja no site da SOF artigo de Maria Lucia Silveira e Nalu Faria veiculado no boletim eletrônico do PT *Linha Direta*, já que o deputado oportunisticamente acaba de voltar para o PT.

folhafeminista

nº 27 setembro de 2001 ISSN 1516-8042

CONSELHO EDITORIAL

Andréa Butto, Francisca Rocicleide da Silva (Roci), Helena Bonumá, Ivete Garcia, Márcia Camargo, Maria Amélia de Almeida Teles (Amelinha), Maria Ednalva Bezerra de Lima, Maria Emília Lisboa Pacheco, Maria de Fátima da Costa, Maria Otília Bocchini, Martha de la Fuente, Mary Garcia Castro, Matilde Ribeiro, Raimunda Celestino Macena e Tatau Godinho.

A folha feminista, ISSN 1516-8042, é um boletim da SOF na luta feminista. Este número tem apoio financeiro da ICCO.

EQUIPE EDITORIAL

Diretora Responsável: Nalu Faria

Editora: Maria Lucia Silveira

Projeto Gráfico: Alexandre Bessa

Diagramação: Márcia Helena Ramos

Fotolito: Input

Impressão: RWC Artes Gráficas

Tiragem: 1.000 exemplares

Número avulso: R\$1,50



SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA

Assinatura anual (10 números): R\$15,00

Rua Ministro Costa e Silva, 36, Pinheiros
05417-080 – São Paulo – SP

Tel/fax: 3819-3876

Correio Eletrônico: sof@sof.org.br

Página na internet:

<http://www.sof.org.br>

próximos números

- DEBATES FEMINISTAS NA EUROPA ATUAL